

roteiro cultural completo 39º Colóquio da Lusofonia 3-6 outº 2024

local do colóquio ...Rua da Boa Nova, 19 - 29 9580-516 Vila do Porto Santa Maria - Açores

<https://bud.gov.pt/ddn/centros/moradas/ra-acoresh/santa-maria.html>

- VISITAS, HOMENAGENS, APRESENTAÇÕES LITERÁRIAS E MUSICAIS



**ROTA CULTURAL - as pessoas inscritas no roteiro terão [lugar no autocarro, ver AQUI](#)**

**Dia 3 outº 5ª fª**

**partida do Hotel SM 08.45 - 09.00 sessão 1 Visita ao Museu de Santa Maria (Polo de Vila do Porto) e/ou Centro de Interpretação Dalberto Pombo - Casa dos Fósseis (as pessoas escolhem a qual vão)**

**10.00 sessão 2 visita à EBSSM (Esc. Básica e Secundária Bento Rodrigues)**

**10.15-11.45**

**Apresentação AICL – Encontro com escritores (90') CHRYS, ÁLAMO, F MADRUGA, ALMEIDA MAIA, URBANO B., ANABELA FREITAS (MIMOSO)**

**12.00 almoço (cortesia da EBSSM)**

**13.30 sessão 3 passeio cultural: Partida da ESSM - Guia Prof. José A Melo**

**1ª PARTE- 13:30H – 15:15H**

**Ponto 1 – Cone Vulcânico do Porto – (Observação e interpretação geomorfológica da 1ª formação geológica emersa dos Açores);**

**Ponto 2 – Anjos (Resumo sumário da história do local, Lenda do Cruzeiro, entrada na Ermida e sua apresentação; referências à passagem de Colombo pela ilha, às incursões de piratas e corsários e à constituição / e funções dos “Escravos da Cadeínha”;**

**Ponto 3 – a) Barreiro da Faneca (Visita interpretativa ao Geossítio prioritário, com explicações da sua formação geomorfológica).**

**b) – Visitação à Ermida e Copeira dos Milagres (Resumo da história e práticas singulares dos Impérios do Espírito Santo, em Sta Maria e entrada na Ermida da Senhora do Pilar (Milagres) para observar e interpretar a magnífica obra escultórica em pedra da Cré,**

**do seu retábulo e painel de azulejos do altar).**

**= 2ª PARTE**

**(Transporte para a Praça do Município às 15:15h e concretização do Ponto 5, até às 17:00h, aproximadamente)**

**Ponto 5- Praça do Município (Resumo sumário de aspetos históricos e físicos da ilha; apresentação e visita interpretativa ao antigo Convento dos Franciscanos (atual edifício da CMVP) e entrada na Igreja das Vitórias para ver e apresentar o histórico Painel de Azulejos;**

**- Ponto 6 – Aeroporto (paragem no parque junto às duas torres de controle e apresentação resumida da história do Aeroporto e da influência americana);**

**- Ponto 7 – Forte de S. Brás (Resumo sumário da história do povoado de Vila do Porto, apresentação do Forte (referência às incursões de piratas e corsários) e dos outros elementos patrimoniais envolventes).**

**RECITAIS DE PIANO:** ANA PAULA ANDRADE: DIA 3 18.30 - DIA 4 11.15 - DIA 4 16.20 - DIA 4 22.20

**RECITAIS DE POESIA** DE CHRYS CHRYSTELLO: DIA 4 10.30 - DIA 4 22.00 - DIA 5 12.20 -

**GIRA-TEATRO** DE FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL, DIA 4 22.35

**DOCUMENTÁRIO** [Francisco Rosas](#) “O 25 de abril, 50 anos depois na Lagoa” acrescido de curta montagem TIMOR, abril 1974 com Chrys Chrystello

**POEMAS** [\(CHRYS CHRYSTELLO\) A SANTA MARIA E AÇORES IN 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA](#)

[REGRESSAR](#)



1. ANABELA BRITO FREITAS (MIMOSO), IPLUSO CEI-EF ULHT, ESCRITORA, AICL, CONVIDADA DE HONRA 2024

APRESENTA "SANTA MARIA VISTA AO ESPELHO (CRISTALINO)"

Frei Diogo das Chagas, vigário provincial dos franciscanos nos Açores, não nasceu em Santa Maria - era florentino.

Mas a sua obra, *Espeelho Cristalino em Jardim de várias Flores*, redigida em meados do séc. XVII, no contexto da Restauração, constitui uma certidão de nascimento, o mais cristalina possível à luz dos recursos da época, de todas as ilhas açorianas e, logo, também da de Santa Maria.

Para entendermos este *Espeelho*, para percebermos as intenções do autor e avaliarmos devidamente o seu conteúdo, será necessário começar por explicar a sua génese, a razão do estranho título, para depois, e só depois, procedermos à análise da parte do livro dedicado ao descobrimento e povoamento (e povoadores) da primeira ilha do arquipélago.

Na verdade, a obra não se limita a registar dados históricos, mas também casos, eventos anedóticos, hagiográficos - as flores - alguns também proféticos, que nos ajudam a perceber, não só a mentalidade da época, mas um pouco da alma insular e mariana.



APRESENTA "Teófilo Braga Contos Tradicionais Açorianos" LETRAS LAVADAS



APRESENTA "HELENA CHRYSTELLO, AUTORA PRECOCE

TELMO R NUNES APRESENTA "A VOZ DA ILHA" (COM ILUSTRAÇÕES DE RUI PAIVA) DE ANABELA B FREITAS (EX-MIMOSO)

Escritor, Artista Plástico, Poeta, RUI PAIVA nasceu em Moçambique em 1954, onde escreve o seu primeiro conto de ficção política, *O Tronco* (1980) sobre o tráfico de armas nucleares nas fronteiras da ex URSS. Aos 20 anos, termina o curso de Economia em Lisboa, no ISEG onde lecciona até morrer para o Oriente. Três passagens por Macau e Hong Kong, 12 anos no seu continente, em que foi responsável pelas Seções de Economia, e segundo responsável da banca internacional (BDA, BCM e Grupo Caixa). Descoberto - como artista - em 1980 por um curador chinês de Macau, participa dita a nível nacional e internacional, em diversas coleções, participou em dezenas de exposições individuais, com destaque para Hong Kong, Macau, Ho Chi Minh no Vietname, Alentejo, Açores, Braga, Coimbra, Lisboa, e em dezenas de colectivas, em Singapura, Japão, Coreia do Sul, Macau, Hong Kong e em Portugal. Criador por 16 anos de uma das maiores coleções de arte portuguesas. Para além dos livros por si ilustrados, editou quatro livros, o primeiro em Macau e os restantes em Portugal:

Desenhos 1979-1982  
Novecentos Livro de Vida e Livro de Artista  
- Festivais Literários e Lançamentos  
FIC de Cascais, *Escrituras de Penafiel*, *Falco de Óculos*, *The Script Road* - Macau Literary Festival, *Museu Nacional Soares dos Reis*, *Porto Moniz*, *Livro de Artista*  
- *Festa do Livro do Funchal e Museu Nacional Soares dos Reis*.  
A Carta e o Comércio  
- *Museu do Oriente*.

Nascidas no Canadá, mas filhas de portuguesas, as duas irmãs viajam até à Ilha, pela primeira vez. Esta é uma viagem de descoberta das suas origens, do encontro com a sua identidade. A voz da Ilha ficará gravada nos seus corações e a vida delas nunca mais será a mesma.

A Voz da Ilha  
Anabela B. Freitas

**A Voz da Ilha**  
Anabela B. Freitas

Ilustrações  
Rui Paiva

ANABELA B. FREITAS nasceu em Lisboa, mas viveu grande parte da sua vida no Porto, onde frequentou o Liceu Carolina Michaelis, depois a Faculdade de Letras, tendo-se licenciado em História. Foi na mesma Faculdade que fez o Mestrado em História da Cultura e depois o Doutoramento em Cultura. Atualmente reside em Vila Nova de Gaia.

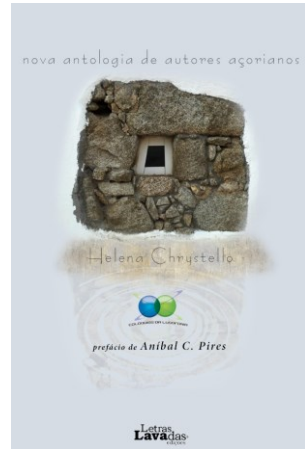
Começou a publicar livros aos dezasseis anos. Tem uma vasta obra publicada com o nome de ANABELA MIMOSO que vai desde os manuais escolares, ao conto e novela infantil juvenil, e aos estudos académicos, essencialmente na área da Literatura.

Destacam-se:

1. na secção infantil/juvenil - *D. Branca Gordalheira*, distinguido pela Revista *White Ravens*, em 1996; *O Arramador*, in *Contos da Cidade das Flores*, Porto 2001; *O Tesouro do Castelo de São*, vencedor honroso do Prémio Nacional de Ilustração, 2006; *Agulha Palavra Mar*, 2010 - FRL; *Como um pé de vento*, 2006 (em co-autoria com Glória Sanchez, João Pedro Mamede e Paulo Martin - projeto Estaleira do Centro da Zona de Cultura e Direção Regional de Cultura do Norte); *Faz Cita - Entre Cita e São*, 2007 (Projeto Pinar e Verde com Letras da Direção Regional de Cultura do Norte);
2. na secção para adultos - *A Vida pela metade* (2007), quando nos matam os sonhos (2012); *A Sagrada do amor* (2013); *Viver sempre também curo* (2018 - Prémio Fábula Espanca 2017);
3. nos estudos literários - *Contos Tradicionais do Povo Açoriano* (2011) FRL; *Os Congressos Pedagógicos do Ensino Secundário Oficial (1927-1931)*, em co-autoria com Bento Cavadas, no âmbito do projeto de investigação "Percursos do associativismo e sindicalismo docentes em Portugal, 1890-1997", financiado pela FCT, *Pebelo de Betançote: Raízes de Ruivo*, 2014.

2. ANÍBAL DA CONCEIÇÃO PIRES, PROFESSOR APOSENTADO, POETA, AICL

APRESENTA NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS, DE HELENA CHRYSTELLO, DE QUE É O PREFACIADOR



**"Os verdadeiros analfabetos são aqueles que aprenderam a ler e não leem."**

**Mário Quintana**

A epígrafe tem algo de provocatório e pode, ou não, servir o propósito deste prólogo que, como todos os textos introdutórios, tem como desígnio persuadir à leitura do livro que, por acaso, ou de forma consciente, tem na sua mão. A opção, como sempre, é do potencial leitor, ou seja, é sua. Enquanto se decide vou dar corpo à tarefa para a qual fui convidado, e muito me honra.

A Helena Chrystello tem contribuído, com o seu profícuo trabalho de pesquisa literária, para a divulgação e promoção da língua portuguesa. Do seu reconhecido labor resultam preciosos instrumentos didáticos para o ensino da língua e da literatura portuguesa, para a descoberta de novos autores e potencia a adesão, à leitura, de novos públicos.

A antologia referencia dezassete autores sobre os quais Helena Chrystello nos deixa algumas notas biobibliográficas seguidas de trechos da obra literária de cada um dos escritores e, com as quais o leitor, caso não conheça as suas obras, se poderá familiarizar e, daí partir para a leitura de uma, ou outra, obra dos escritores citados nesta antologia. Mas, se assim não for, a leitura desta antologia garante ao leitor o conhecimento, apesar de parcial, da obra destes autores, e o acesso ao mundo da produção literária de uma nova geração de escritores açorianos.

Se a sua opção for continuar a ler vai ter oportunidade de conhecer poetas, contistas, novelistas, cronistas, romancistas, novelistas com abordagens literárias distintas da condição humana, dos seus medos e realizações, das suas crenças e costumes, conquanto o lugar da ação possa ser: remoto e frio como um porto da Noruega; distante e ameno como o Vale de S. Joaquim, na Califórnia; um jardim iluminado pela incomparável luz de Lisboa; no Cantinho de S. Mateus; na mítica Manhattan; numa tasca onde se come a melhor alcatra da Terceira; num qualquer lugar imaginado para melhor servir o propósito criativo do escritor; num não-lugar; ou num lugar bem no âmago do autor.

Esta antologia de autores açorianos complementa outras já publicadas, pela autora, e não se esgota em si mesmo. Assim esperamos para gáudio dos amantes das letras.

A criação literária de autores açorianos (nascidos, ou não, no arquipélago) continua a ser vasta, pujante, diversa e reconhecida nos meios literários regionais, nacionais e internacionais.

Quando falamos em autores açorianos não significa, de todo, nem necessariamente, que a poesia, o conto, a crónica, o ensaio, o romance, ou qualquer outro género literário se circunscreva à geografia insular e arquipelágica açoriana.

Os autores açorianos contemporâneos não se cingem a abordagens criativas confinadas ao ser ilhéu e às suas peculiaridades, não obstante, a sua matriz cultural tenha sido modelada, ou influenciada, pelo ambiente natural, social e cultural dos Açores. Os autores, homens e mulheres, referenciados nesta antologia são ilhéus de nascimento ou de adoção (coração), mas a sua expressão literária não tem fronteiras, é do Mundo e para o Mundo fazendo jus à centralidade atlântica do arquipélago, mas sobretudo à sua universalidade, e, ao subjacente reconhecimento de que outras centralidades existem e têm igual importância. Esta opinião, como todas as outras, é passível de detonar algumas polémicas sobre uma tendência, não só, mas também, académica, de categorizar, compartimentar e de tudo hierarquizar. Tenho opinião própria sobre essa metodologia e conheço os efeitos resultantes, e, daí decorre a minha grande dificuldade em fazer avaliações com base em premissas indutoras de valores subjetivos de qualidade versus consumo, sem embargo dessas premissas estarem validadas, e, genuinamente, aceites por uma larga maioria de cidadãos ligados à criação literária, sejam os autores, os editores, os livreiros, ou os leitores.

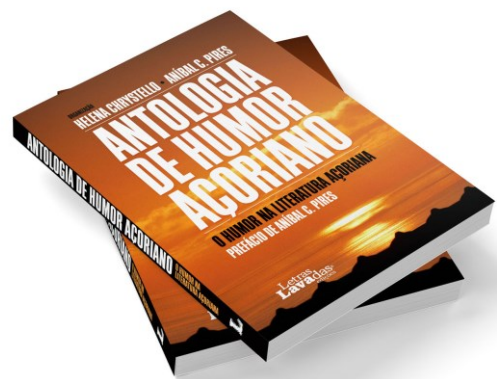
O meu Norte é o Sull! Sou, por natureza e formação, um desalinhado e, como tal, saio frequentemente do coro dos unanimismos. Esta será a razão, ou pelo menos uma delas, para colocar em causa e não aceitar, de forma linear, algumas metodologias que, sob o pretexto de diferenciarem, tendem a uniformizar o pensamento e, por consequência, o consumo.

Não me compete, nem para isso tenho proficiência, fazer a análise literária da obra dos autores antologados, nem essa incumbência cabe, formalmente, ao autor do prólogo. Essa tarefa cabe, por inteiro, aos críticos literários, atividade interseccionada, consequentemente, com a teoria da literatura.

Teóricos e críticos literários que, sobre alguns destes autores, já se pronunciaram. Mas sempre direi o seguinte: ao viajar pelas palavras dos autores, dados a conhecer pela Helena Chrystello nesta antologia, poderá o leitor deliciar-se com uma diversidade aprimorada de códigos linguísticos que individualizam os autores e lhes conferem um espaço e um público (leitores), diferenciados, sem que isso signifique qualquer hierarquização entre eles, ou do género literário no qual expressam a sua criação artística.

Aníbal C. Pires, Ponta Delgada, março de 2022

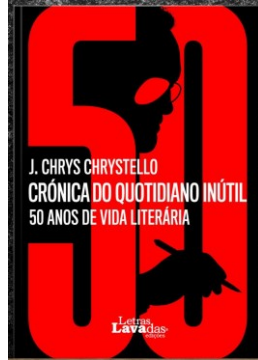
APRESENTA ANTOLOGIA DO HUMOR AÇORIANO DE HELENA CHRYSTELLO "DESTROÇOS À DERIVA", POESIA, DE QUE É AUTOR





3. **CHRYS CHRYSTELLO. AGLP (GALIZA), JORNALISTA AJA / MEEA, TRADUTOR NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA. AICL,**

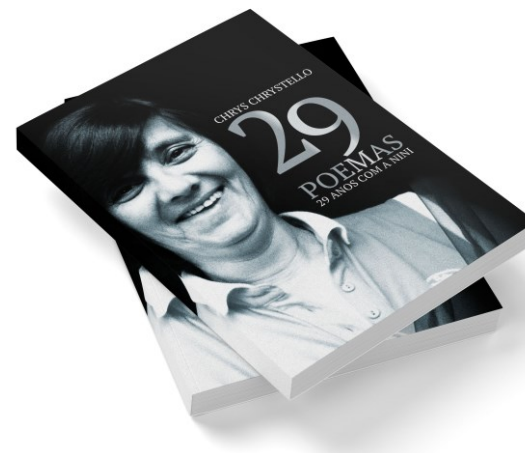
Apresenta "A génese dos 6 volumes de *Crónica do Quotidiano Inútil*, 50 anos de vida literária (POESIA) <https://www.youtube.com/watch?v=lnHm1hulGs>



COM DIANA ZIMBRON APRESENTA "Liames e Epifanias Autobiográficas, *Crónica Açores V (1949-2005)* "



e "Alumbramento: Crónicas do Éden, *Crónica Açores VI (2005-2021)*



APRESENTA (inédito) **29 POEMAS DEDICADOS A NINI (HELENA) CHRYSTELLO**

APRESENTA POESIA SUA dedicada a Santa Maria e [aos Açores](#) COM DIOGO OURIQUE, HELENA BARROS, ANÍBAL PIRES

4. **DIANA ZIMBRON - ESCOLA SECUNDÁRIA DA MADALENA DO PICO. AICL**

APRESENTA "ONDE PARAM AS MULHERES?" Diana Zimbron

Tema: Açorianidades Subtema: Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos

Se é verdade que há mais mulheres do que homens em Portugal, é igualmente verdade que as publicações e participações em eventos como os encontros literários continuam a ser efetuadas maioritariamente pelo sexo masculino. Como é que isto se reflete na produção escrita nos/dos Açores?

Este trabalho é uma recolha informal de dados ilustrativos e visa, em primeira instância, avaliar a produtividade e representação do sexo feminino, na área da escrita, tendo por base a Bibliografia Geral da Açorianidade. A análise de uma amostra de títulos revelou que três vezes mais entradas correspondem a homens do que a mulheres.

Os estudos sobre este fenómeno são escassos e não muito atuais, porém corroboram este facto quer na produtividade científica, quer na opinião em órgãos de comunicação social, a nível nacional.

Do mesmo modo, procurar-se-á trazer à discussão as possíveis causas da discrepância. Segundo o INE, mais mulheres do que homens estão desempregadas, estando em minoria em quase todos os setores de atividade profissional. As profissões que mais mulheres empregam são as relacionadas com trabalhos de limpeza e de vendas em lojas.

Mesmo na área académica, se por um lado, a preferência por parte das mulheres pelas atividades docentes em detrimento da investigação e publicação pode ser um argumento a ter em conta, por outro, o principal fator apontado como inibidor da produtividade científica é a falta de apoio familiar/constrangimentos familiares.

Apesar do caminho já percorrido em matéria de igualdade, continuarão a existir muitas atividades vistas como responsabilidade feminina com impacto na sua liberdade de expressão?

Abra-se espaço para a reflexão. Reconheçamos a eterna necessidade e responsabilidade de fazer representar e reconhecer o mérito de todos os que o tenham, sejam homens ou mulheres.

APRESENTA “LIAMES E EPIFANIAS AUTOBIOGRÁFICAS, CRÓNICAÇORES V (1949-2005)” E “ALUMBRAMENTO: CRÓNICAS DO ÉDEN, CRÓNICAÇORES VI (2005-2021)” DE CHRYS CHRYSTELLO



[citação lenda do crocodilo 103 CH AZ V] Esta lenda timorense é citada por Chrys no volume V da série Crónicaçores e, se me dedicarem alguma paciência, perceberão porque eu escolhi começar com esta partilha.

- ... *“disseram, que há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. sonhava crescer, ter um tamanho descomunal.*
- *Mas a verdade é que não só era pequeno, como vivia num espaço apertado.*
- *Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho era grande.*
- *O pântano, é bom de ver, é o pior sítio para morar.*
- *Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas.*
- *Sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo.*
- *Por tudo isto, estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada.*
- *Ao longo do tempo, milhares de anos, o que ia valendo ao crocodilo era ser grande conversador.*
- *Enquanto estava acordado, conversava e fazia perguntas a si mesmo.*
- *Depois, como se fosse outro, respondia-se-lhe.*
- *De qualquer maneira, conversar assim, durante séculos, gastava os assuntos.*
- *Por outro lado, começava a passar fome.*
- *Primeiro, porque havia no charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães.*
- *Muitas vezes, exclamava: “Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes! “Tem paciência, tem paciência.” dizia.*
- *“Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo” – recalcitrava-se-lhe.*
- *Naturalmente que tudo tem um limite, incluindo a resistência à fome.*
- *E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava.*
- *Os olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.*
- *“Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além.”*
- *Esforçou-se, galgou a margem. o sol estava a pino, aquecia, transformava o chão em brasas.*
- *Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das forças e ia ficar, ali, assado. Foi nesta altura que passou um rapazinho que exprimia os pensamentos cantarolando...*
- *O prometido é prometido. aquele meu sonho. Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia. Fizeste bem em vir lembrar-mo. Queres, agora ir por esse mar fora?”*
- *“Isso, só isso, crocodilo.”*
- *“Pois eu, agora, também. Vamos então.”*
- *Ficaram ambos contentes com o acordo. o rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar.*
- *Era tudo tão grande e tão lindo!*
- *O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim.*
- *Dia e noite, noite e dia.*
- *Nunca pararam.*
- *Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam.*
- *E as nuvens também.*
- *Não se sabia se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas.*
- *Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.*
- *“Ouve-me, rapazinho, não posso mais! o meu sonho acabou...”*
- *“O meu não vai acabar.”*
- *Ainda não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou de tamanho, sem perder a forma, e transformou-se na ilha carregada de montes, florestas e rios, por isso Timor tem a forma de crocodilo.”*

Esta lenda timorense é citada por Chrys no volume V da série Crónicaçores e, se me dedicarem alguma paciência, perceberão porque eu escolhi começar com esta partilha. Da escrita do Chrys eu conhecia algumas crónicas e poesia, mas não tinha imaginado a dimensão do seu legado escrito, quando ele me convidou para estar aqui hoje. Humildemente, aceitei o desafio e ele enviou-me, pelo correio, os dois últimos volumes desta série, que aqui veem. Não tive muito tempo para os ler, que bem podiam ser alvo de estudo durante 6 meses cada, pela sua qualidade e riqueza de conteúdo e de formato literário. Então, comecei a leitura das primeiras 285 páginas, incluindo o prefácio de Vamberto Freitas e posfácio de Pedro Paulo Câmara. Letras miúdas, margens estreitas, na corrida contra o tempo assustei-me e tentei dar pequenos “saltos”. Não foi possível! Os olhos fugiam para as últimas palavras do parágrafo ou crónica acima e, irresistivelmente, tinha de ler tudo do início. Tinham o fascínio das histórias contadas à hora do jantar, pelos pais ou avós, sobre a sua infância e peripécias, que mais imaginamos num livro de aventuras.

Com a escrita de Chrys embarcamos numa viagem, quer por locais diversos, quer através do tempo. Começamos no Portugal profundo da sua infância, num tom mais melancólico, com ligações e conclusões sobre a nossa herança judia, por exemplo. Depois disparamos numa vertigem, através do que certamente foram os anos áureos de Chrys, pois é assim que ele nos faz sentir, durante a sua perseguição de emoções, na juventude. Passamos por Timor, Macau, Austrália. O autor não só nos relata períodos da sua vida como demonstra tudo com pesquisa, para que possamos compreender. Temos o enriquecimento do texto com dados históricos (políticos, económicos, religiosos). Temos etnografia, cultura de diversos locais e sempre a crítica social. Vejamos um exemplo [p. 134]

Nas suas andanças pelo mundo, Chrys apercebe-se da imensidão da influência de Portugal; dos locais onde a nossa língua e cultura deixaram raízes, para o bem ou para o mal; apercebe-se do impacto da colonização e da descolonização.

Mais tarde, a língua torna-se objeto da sua atenção, “Português, a quinta língua mais falada no mundo” e daí nascem os Colóquios da Lusofonia. De resto, Chrys sempre se colocou em situações em que pudesse lutar pelo que acredita ser do interesse comum. Foi líder progressista, fez rádio, deu aulas, escreveu para a imprensa e passou notícias dos locais que visitava. Numa correria que demonstra o seu empenho e ética profissional e o compromisso do jornalismo, verdadeiro e vocacionado, por vezes em detrimento da sua vida relacional.

Das maiores insistências, da sua parte, aponto a afronta. Chrys toma como sua a missão de pôr os outros a pensar.

A esse propósito, faço mais uma leitura [p. 173]. DA ESCRAVIDÃO PERPÉTUA, 18.6.2018, CRÓNICA 198

## Roteiro 39º colóquio da lusofonia

Locke é "o último grande filósofo que procura justificar a escravidão absoluta e perpétua." dizia que todos os homens são iguais mas defendia a escravidão. Locke era um homem da época, o que não diminui a importância das ideias, revolucionárias em relação ao seu tempo.

*Há mais de 2500 crianças detidas ilegalmente (2018) em campos de concentração dos EUA, algumas com meses de idade, mas a TV não está lá para seguirmos o crime.*

Um número maior arrisca a vida na fuga à guerra, à fome, violações, escravatura, e morre afogada no Mediterrâneo, ou fica detida em campos de concentração, mas a TV não está lá.

*No Congo ex-Belga de mil e uma guerras e do genocídio (poucos falam, seriam 10 milhões?) há milhares de crianças de 4+ anos, escravas, a trabalharem em minas a céu aberto, para produzirem minerais indispensáveis aos telemóveis que todos usamos (exº lítio), mas a TV não está lá.*

Na Palestina a vida miserável nas pequenas faixas de terra que Israel ainda não anexou, não permite a infância, só existe um caminho o do ódio e da guerra contra os opressores, mas o Facebook não permite mostrar e a TV não está lá.

*“A escravidão não é coisa do passado e nunca foi tão lucrativa.”*

O alerta vem do advogado, autor e ativista Sidharth Kara, especialista em tráfico de pessoas e escravidão, temas que leciona na Universidade de Harvard.

*“Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado.”*

A estimativa é que a escravidão gere lucros de 150 biliões de dólares por ano. Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Em 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas nestas condições em 50 países.

*Mas afinal de que escravidão falamos?*

*A generalizada e comum: “Nunca ninguém foi verdadeiramente livre” por mais aparência que existisse, como nas gerações 1960-1999, em que mais liberdadezinhas houve no mundo ocidental. Sempre houve normas e convenções, mas a humanidade esteve dependente dos desígnios da minoria mandante que dita os moldes da escravidão de cada era, da fixação do horário de trabalho, à remuneração, recompensa por bom comportamento dos súbditos, até à existência ou não de tempos de lazer, se tal não afetar a capacidade produtiva. Ninguém escapa à engrenagem, nem os que vivem **off-the-grid** (fora da rede), pois necessitam de bens produzidos pelo sistema e a troca direta “**barter**,” nem sempre é possível.*

Os desprovidos são os desempregados, os sem-abrigo e os que fugiram ao ciclo produtivo, com liberdade de fazerem o que quiserem desde que seja gratuito, o que os limita a viver à sombra da bananeira, numa ilha deserta, rica para a alimentação, vestuário e outras necessidades. Só é possível em literatura de ficção. Os senhores do mundo, usam os instrumentos ao seu dispor, desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos espetáculos circenses que reproduzem a máxima romana de “pão e circo (panem et circenses) ” que vai dos mundiais de futebol a outros alegados desportos dominados pela máfia do dinheiro, anestesiando as massas e criando escape a sentimentos reprimidos.

*Basta averiguar o mito das férias que perpetuam a escravatura consumista. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar.*

Se (por ex.º) viver na lomba da maia, sem dinheiro extra nem carro, vai a pé 4 km até à praia da viola e chamará a isso férias, ou aproveitará o tempo para cuidar da casa, pintá-la ou renová-la com o seu trabalho e chama a isso de férias.

Se vai para fora (cá dentro ou lá fora) de férias e já entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes da invenção a que chamam dinheiro. Endividou-se para estudar, então trabalhe, para reembolsar a banca, que sobrevive explorando-o a si e aos demais. Se pensa que não é um escravo, pense na vida dos antepassados e verá como é apto o título desta crónica. se pensa que os donos disto tudo são livres, desengane-se, sem nós, escravos perpétuos, nada são e têm de se certificar de que há escravos (como nós), para manterem o sistema a funcionar. por mais oleado que seja o esquema, precisam de inventar continuamente novas normas e retribuições, para que a roda dentada da engrenagem funcione e dê lucros, maiores. Até eles são escravos da escravatura que impõem aos outros. Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de inventarem o dinheiro? Não há relatos. Os poetas, sonhadores, escritores, enganam-se pensando que são livres, só na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade.

Chrys continua a percorrer o mundo, encontra os Açores e apaixona-se. Da nossa ilha, diz: [Pág 247] *Já o disse e repito: há um magnetismo que o pico exerce sobre seres frágeis e vulneráveis e me atinge desproporcionalmente. Sinto um vórtice irrecusável a atrair-me e sugar-me para o olho do furacão. Aliás vulcão. Não sei descrever exatamente onde se localiza nem para onde me leva, mas acabo sempre a rodopiar por todos os cantos no vórtice, sem me alcandorar ao topo da ilha-montanha, sem idade nem pernas para tamanha façanha. Uma subida virtual em 3D ainda vá que não vá, de resto só com pernas novas.*

Quando resolve fixar-se em S. Miguel, sabemos que Chrys foi crocodilo, saiu do pântano, viu as maravilhas do mundo, connosco aninhados às suas costas, do que viu tirou o melhor e trouxe consigo. E agora é ilha. Guarda, nos seus recantos, o encanto, mas também o desencanto, pois que não se repitam os erros do passado, essas memórias são preciosas e não admitem “limpezas ou censuras”. No último volume, ou no mais recente, pois provavelmente Chrys já terá outras 200 crónicas na gaveta, o autor assume de forma inegável o papel de provocador.

Provoca dúvidas, obriga a pensar. Conquanto esteja enamorado, pelos Açores, ou talvez, por isso mesmo!

São 231 páginas, com prefácio de Osvaldo Cabral e posfácio de Pedro Almeida Maia.

Convém que o leitor entenda o contexto da maioria destas crónicas que [Pág 230]

*(Santa Maria) Admirei as casas prefabricadas, relíquias da Guerra, muitas abandonadas, outras com jardins arranjados e parabólicas. O Bairro do Aeroporto uma “cidade-jardim” típica do urbanismo do séc. XX (1944-46) representou uma profunda inovação no urbanismo tradicional insular, em sintonia com o urbanismo americano: ruas largas, curvilíneas, edifícios simples, prefabricados (trazidos dos EUA), espaços arborizados.*

*A base revolucionou o quotidiano com equipamentos prefabricados (‘Atlântida Cine,’ inaugurado em 1946; o ‘Asas do Atlântico,’ 1950; igreja, ginásio) e residências isoladas e blocos coletivos (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, pág. 336).*

*O cinema, em ruínas, foi reabilitado em 2019. O bairro, retomado pela aeronáutica portuguesa em 1946, teve uma intervenção por Keil do Amaral (1950), na adaptação a uso civil. Em termos urbanos, o desenho é simples: a via de serviço, a poente, liga a aerogare à antiga vila, pela “estrada da Birmânia;” outra destina-se às áreas residenciais, em largos quarteirões abertos, arborizados e afastamento entre as edificações. De sul para norte, passa-se por residências; a via transversal de equipamentos (igreja, ginásio, cinema, etc.), com espaço livre fronteiro; habitações até ao extremo norte, onde fica o hotel (reconstruído) e o clube asas do atlântico (arquitetura popular dos açores, ordem dos arquitetos, Lisboa, 2000; Fernandes, José Manuel).*

. Portanto, o veículo ideal para provocar uma comunidade, com insistência em temas que nos vão passando ao lado e que vamos desculpando, como a priorização questionável dos investimentos públicos, a (des)educação ambiental, o controlo da informação, a crise educacional, a herança deixada pelos sistemas governativos anteriores à democracia, a forte influência religiosa na sociedade, com deturpação dos valores, em detrimento de fracas interpretações daquilo que seria fundamental transmitir de geração para geração.

Vejamos o que diz sobre a maior manifestação religiosa da região [Pág 39].

COMENTÁRIO DO AUTOR ÀS FESTAS

Sábado fui a ponta delgada, apesar da chuva miudinha para presenciar o que diziam não ter paralelo, milhares de pessoas, umas cumpriam promessas de joelhos desnudos na calçada, outras com pesados círios, misto de catolicismo pagão.

No “Atlântida” da RTP-Açores, falei do colóquio que acabara há dias. A imagem deu a volta, as pessoas desfilaram por horas. A homenagem e a riqueza<sup>[1]</sup>. Do ícone eram contrárias aos ensinamentos de Jesus que desprezava riquezas materiais e idolatria. Não vi nisso a mensagem do santo cristo. Lamento, nada disso vi. Além da ostentação, vi crentes a arrastarem-se na calçada como na autoflagelação no Iraque. Resquícios da idade média no séc. XXI. Consta que compram fatos e vestidos para a procissão. Se a fé é grande para quê fatos novos? O dinheiro das joias podia aliviar o sofrimento dos pobres. São os meus valores, não serão os da igreja de riqueza imensa e bens acumulados.

Durante a leitura, em várias ocasiões eu disse para comigo: eu poderia ter escrito isto, ou mesmo, eu já escrevi sobre isto, ou ainda, isto é tão natural...

Porém não o é, não para todas as pessoas. Encontramos manifestações da cultura do queixume e das aparências todos os dias, à nossa volta.

O clubismo, o partidismo, o machismo. Não me entendam mal, o autor reconhece as maravilhas do nosso povo e da nossa terra. A nossa vontade de ajudar, só por ajudar, de dar, só por dar, de receber bem e acolher. Reconhece as provações a que estamos sujeitos quando esta linda terra e este lindo mar se revolvem. Porém [p. 27]:

*Aqui nunca há nada, vem tudo do continente. Espanta ou talvez ão. Pensei que era chegar e ligar, mas além da botija (novo contrato na loja de ferragens), comprei um tubo de 30 cm capacidade x, pressão z bares, acoplador, abraçadeiras. Finalmente iria ver TV sem congelar.*

Na tarde seguinte, satisfeito com o calorzinho que à noite tivéramos, estava na falsa a trabalhar e a Nini meteu-se no duche. Aqui banheira é coisa para ricos. Diz ela do duche “não há água quente”. Troquei a botija, nada. O esquentador acendia a luz verde, mas a chama não irrompia nos seus tons flamejantes. Fui ao café ver o dono da casa, a quem contei o infortúnio. 24 horas depois, e após terem cá passado pessoas (não eram especializadas, mas queriam resolver o problema), veio um técnico de esquentadores da Ribeira Grande ver: impurezas acumuladas, que impediam o funcionamento do aparelho novo e na garantia. Problema resolvido.

*Os cidadãos lidam mal com as adversidades rurais. O povo português anda há séculos a transformar-se de rural em cidadão. A inversa, não está desprovida de dificuldades.*

Há muitas e duras críticas neste Alubramento, demonstradamente merecidas, mas também há partilha, de experiências e da troca de ideias com outros escritores e pensadores Açorianos, como Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar.

Há ainda reflexão sobre a atualidade regional, nacional e internacional regada com humor, do qual confesso ser adepta.

Vamos a um exemplo [p. 169] PRÉMIO DE EMPREENDEDORISMO, 2.6.2018, CRÓNICA 193

*O concurso regional de empreendedorismo decorre em três fases, permitindo que as ideias apresentadas passem às fases posteriores, transpondo os vencedores para iniciativas empresariais, com a entrega de vídeo, 2 minutos, expondo a ideia de negócio, sendo selecionadas as cinco melhores. Segue-se o desenvolvimento, para planos de negócio, submetidos a uma terceira fase, um pitch (sic) até 5 minutos. São selecionados três projetos (€25.000, €20.000 e €15.000) atribuídos na condição de passarem a integrar o capital das empresas a criar.*



## Roteiro 39º colóquio da lusofonia

Proponho que passe à final a família de Rabo de Peixe, detida pelas autoridades por estar na posse, manufatura, distribuição e comercialização de marijuana para tratamento medicinal. A família, recipiente do rendimento de inserção social, vive com dificuldades, um grande agregado numa casa da câmara destinada a famílias pequenas.

Conseguiu colocar em pleno emprego os 10 membros (avós, pais, filhos e netos) servindo-se de terrenos baldios do Estado, abandonados há anos. Dado que eram férteis, boa exposição solar, introduziu cannabis sativa, com cuidados intensivos e boa rega, produzindo 400 pés, dezenas de milhar de euros ao valor de mercado. Apesar da falta de instalações adequadas, a família recuperou um edifício abandonado pela edilidade para o tratamento e empacotamento das plantas, mostrando um grau de empreendedorismo como há muito se não via.

Com os proventos da exploração agrícola, a família ia adquirir habitação mais condigna, deixando de necessitar dos apoios sociais, e contribuir para a integração dos seus membros na sociedade, onde as pessoas são desincentivadas de se tornarem economicamente autónomas ou produtivas, preferindo auferir o rendimento de inserção social em vez de buscarem soluções para as suas carências.

Numa antevisão do fim do monopólio de venda do produto, com a liberalização do consumo para fins medicinais, a família demonstrou uma visão de futuro inigualável. Verifica-se que cumpriram os requisitos do concurso supracitado, motivo que nos leva a sugerir que o primeiro prémio lhes seja atribuído..

E ainda, a respeito de uma troca de doentes aquando da devolução de uma idosa à sua casa, pelos Bombeiros [p. 230] Quando fui a ver tinha outra mulher na minha cama" Crónica 462 junho 2022

O centro hospitalar e universitário de Coimbra contactou os familiares de uma doente a informar que iria ter alta, mas quem chegou na ambulância à casa da família em Teixeira, Arganil, foi outra pessoa. "quando fui a ver tinha outra mulher na minha cama, de 94 anos, quando a minha tem 88", contou António, o marido. Ao se aperceberem da confusão, as funcionárias da instituição que apoia o casal correram atrás da ambulância e conseguiram que levasse de volta a doente. O erro foi corrigido ao final da tarde com a chegada a casa de "dona maria". "isto não se faz a uma pessoa daquela idade", lamentou a filha, Idalina Leite. Retirada dum jornal diário

A propósito desta preocupante notícia: vou ter imenso cuidado da próxima vez que a minha mulher for para o Hospital, não vá dar-se o caso de ma quererem trocar. Sabem lá a canseira que foi encontrá-la e mantê-la estes anos e agora iam acabar por me dar outra sem sequer me perguntarem se queria trocar a minha por outra, mais nova ou mais velha. Sabe-se lá que defeitos traria... nem sempre os modelos mais modernos são melhores que os antigos, e alguns antigos também funcionam muito mal.

Como iria fazer para reaver a minha mulher? E o trabalho que me iria dar? Ainda o hospital podia dizer que eu a que entreguei aos seus cuidados era aquela que me devolveram...

Isto até parecem os saldos de verão em que se uma pessoa não está satisfeita tem 15 dias para devolver a compra. E se ao enviarem a minha mulher para outra casa, decidissem ficar com ela e não a quisessem devolver, já viram as chatices que me iam dar, meter advogados, eu sei lá. Isso ainda acabava como aqueles bancos onde metemos as poupanças e depois vão à falência e ficamos sem as poupanças. E não há seguros que cubram essas situações.

Por isso tenham muito cuidado ao receber encomendas destas de qualquer hospital.

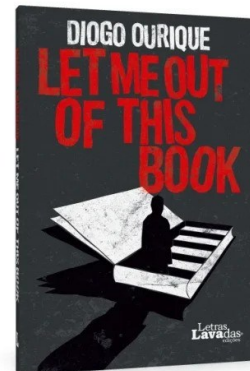
Assim termino a viagem por estes dois volumes em que o autor narra o seu orgulho em ser Português, numa relação amor-ódio com muito amor, Porém tenho uma última consideração a partilhar sobre estes 50 anos de contributo do Chrys:

Outro escritor açoriano afirmou que as novas gerações, as de 70 e 80, nas quais me incluo e às quais até já chamaram geração rasca, têm mais imaginação do que memória.

Talvez assim seja, mas Chrys Chrystello sabe que as lutas e provações à liberdade são cíclicas. Os ataques dissimulados à liberdade são constantes e a geração d'"os novos" segue em frente, empatizando com as lutas do passado, através dos relatos de quem viveu antes do 25 de abril. Estabelece as suas ligações e tira as suas conclusões. É a esta geração que Chrys dá a mão. Ele é um realista.

Ele sabe que o dia chegará em que serão eles a dizer "basta" e quer que reconheçam os sinais. Chrys chama "os novos" para a luta. Chama-os para si e para os Colóquios. Fá-los falar sobre o seu trabalho, aqui, na vossa frente. Põe-nos a escrever prefácios e posfácios dos seus livros e concede-lhes a honra de falar sobre eles também. Assim lhes diz: não se calem! Por isso, por isto [apontar os livros] e por tudo o resto: Obrigada. Diana Zimbron, 5 de abril 2023

### 5. DIOGO OURIQUE, ESCRITOR, TERCEIRA. AICL



APRESENTA A tradução de [Tirem-me deste livro](#)

APRESENTA POEMA DORES, O PIOR DE TUDO, A NINI CHRYSTELLO NA SESSÃO DE HOMENAGEM

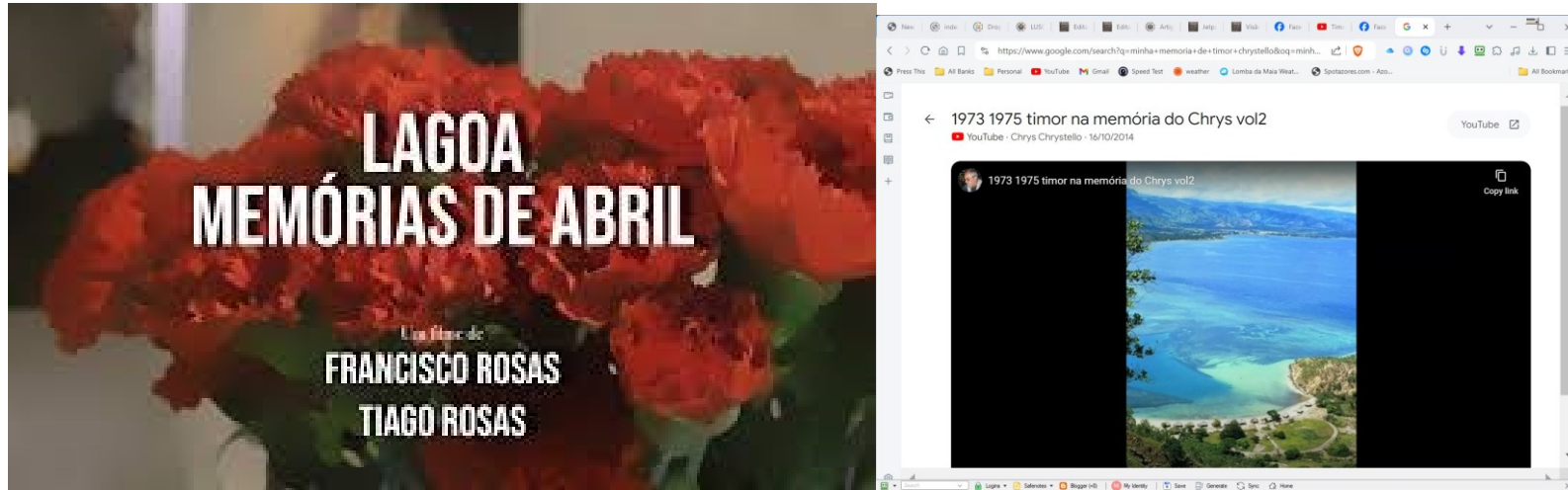
INTERVEM NA SESSÃO DE POESIA DE CHRYS CHRYSTELLO COM HELENA BARROS, ANÍBAL PIRES

### 6. DORA NUNES GAGO, ESCRITORA, CONVIDADA DE HONRA 2024

APRESENTA O TEMA Presença açoriana em Macau: imagens do exílio nos romances de Rodrigo Leal de Carvalho.

Esta comunicação explora as representações do exílio em três romances de Rodrigo Leal de Carvalho: Requiem para Irina Ostrakoff (1993), Ao serviço de sua majestade, uma História de Amor (1996) e A Mãe (2001). Atendendo aos contributos teóricos de E. Said, Alexis Nouss, entre outros, analisaremos as imagens do exílio representadas num discurso de contornos realistas, através da criação de personagens "vivas", verosímeis, refugiadas no espaço de Macau ou auto-exiladas para São Francisco. Palavras-chave: exílio, refugiados exílio; identidade; Macau; .

7. FRANCISCO ROSAS, CINEASTA, REALIZADOR DE CINEMA, Palco de Ilusões e Centro Audiovisual Max Stahl Timor-Leste, CONVIDADO AICL, apresenta Lagoa, Memórias de abril" ACRESCIDO DE CURTA VIAGEM A TIMOR EM ABRIL 1974 COM CHRYS CHRYSTELLO



8. HELENA CHRYSTELLO (M<sup>a</sup> HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO) PRESIDENTE HONORÁRIA DA AICL 2024, PROFESSORA NA EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL - HOMENAGEM PÓSTUMA



Estava a compilar a primeira *Antologia do Humor Açoriano Contemporâneo* a apresentada no 39º colóquio (que inclui poesia em francês e português e inúmeros escritos) uma novela "**O silêncio da paixão**", inédita e desconhecida de todos, que foi revisto para publicação por Anabela Brito de Freitas



(ex-Mimoso) que iremos apresentar no 39º colóquio.

serão apresentadas as suas duas anteriores obras

Por Aníbal C. Pires, NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS



Por Maria João Ruivo POETAS 9 LÍNGUAS POR MARIA JOÃO RUIVO –



9. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUINTAL, S MIGUEL, AÇORES. AICL

APRESENTA 9 POETAS 9 LÍNGUAS DE HELENA CHRYSTELLO ED 2023

-

**9 Poetas 9 Línguas**, editado pelas Letras Lavadas, é mais um livro de poemas que surge e a verdade é que, no fundo, ninguém fica insensível à Poesia, porque ela contribui para uma interpretação simbólica do mundo, levando a ultrapassar os limites do tempo e do espaço e colocando o Homem face ao seu próprio mistério. Construída no silêncio, ela faz-nos regressar a ele, num reencontro connosco. E, tendo em conta o livro que é, de nove poetas traduzidos em oito línguas, tenho de felicitar todos os que para ele contribuíram. Os autores dos poemas, os seus tradutores e, claro, a Helena Chrystello, que se entregou a este projeto arrojado e complexo e a quem agradeço o convite para estar aqui. Testemunhei o seu trabalho, ainda que de longe, e vi o carinho e o empenho com que fez surgir este volume. Uma palavra também de apreço pela bonita capa, com fotografia de Marco Costa.

Há, na Poesia, uma espécie de magia primordial que, de alguma forma, está ligada à criação. Sendo a linguagem a matéria-prima da Poesia, esta surge da ligação entre o que se diz e o como isso é expresso. Assim, o criador busca a palavra certa, o ritmo, o tom, a harmonia adequada ao que quer dizer, tal como busca uma identidade artística, um sentido para a existência e uma interpretação do universo de que faz parte.

Neste livro, são múltiplos os temas e as mundividências. Todavia há um fio de intemporalidade que os une:

Em Álamo de Oliveira, temos a atualidade do horror da Guerra, numa pátria roubada em que a sombra da morte é uma constante. É um poema sobre as ruínas, a solidão e a dor pungente causada pela guerra.

*o estrondo vem do estômago da bomba*

*e espalha as ruínas da solidão. (diz ele)*

“E há também esse “Homem imperfeito junto ao mar”, bem ao jeito de Alexandre Borges, numa metáfora irónica que faz a apologia da imperfeição, já que esta traz uma promessa que, na perfeição, não existe. E cito:

*Agora eu*

*Suspeito dessa perfeição de postal*

*Confio mais nas rugas dos arrependimentos*

*Nas ruas com inacabamentos de primeira*

Da nossa janela de ilhéus, avistamos também o mar personificado, pela mão de Nuno Costa Santos. “Orgulhoso e mudo”, esse mar envelhecido das ilhas, anterior a nós, *abrindo por vezes o olho/ ao vento e à indiferença*, como quem ficou esquecido.

*Era um rei cruel, dizem as gentes,*

*e mais dizem as gentes que o rei,*

*por ser tão cruel,*

*tão de duro coração,*

*mandou que se apartassem*

*a princesa e o pastor,*

*tomados do bem-querer*

*que chega com a Primavera.*

Diz a Paula Sousa Lima, que nos traz, do fundo da ilha, uma lenda poética, cheia dos sons de outrora, retirada, com uma varinha de condão, do nosso imaginário. Nela estão os ingredientes dos contos infantis e a Natureza pródiga da Ilha, que acolhe as lágrimas dos amantes, fazendo crer que, no amor, tudo é verdade.

O texto de Anibal Pires poderia ser um poema de amor dirigido à mulher amada, um “Tu”, mas o que está em causa, mais do que um sentimento amoroso, é a ideia de uma irmandade. Nele surgem diversos elementos que assumem forte valor simbólico e que remetem para a ideia de universalidade, de uma diáspora humana, genética e cultural.

Diz ele, por exemplo:

*partilhamos culturas e genes*

*somos um pouco do mundo*

*(...)*

*lutando pela dignidade*

*de ser (apenas) o que somos*

*humanos*

Hino de amor é o poema de Chrys Chrystello, num tributo à sua Maria *Nobody*, cantiga de amor ao jeito moderno, que todos conhecemos, e de aqui recordo o final:

*maria nobody*

*de todos ninguém*

*nem sabes a riqueza*

*que a gente tem*

A importância de sonhar é bem visível, em Malvina Sousa, numa exortação a que sonhemos, na certeza de que, apesar das nossas lutas e contradições, o sonho é o caminho para a eternidade. *Não deixes nada por dar!*, diz ela, *Ama o instante e serás... eternidade...*

Também o tema da morte marca presença neste livro, no texto de Telmo Nunes, que fala da “voragem da partida” e “dos dias que já não nascem”.

No seu poema, Eduíno de Jesus revela, pela sua mão exigente, o ato de criação e valoriza as palavras, que são muito mais duradouras do que os homens. Apesar de “imprecisas” e “volúveis”, elas criam eternidade e lá estão sempre, imperturbáveis, aguardando que o homem, neste caso, o Poeta, lhes dê vida.

*Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,*

*elas lá ficam na página branca*

*à espera de um Levanta-te e caminha*

*de qualquer voz humana.*

Ao ler algumas das traduções (nas poucas línguas que entendo, claro) não pude deixar de pensar, mais uma vez, no trabalho árduo dos tradutores na sua tarefa exigente de traduzir poesia.

O tradutor é, antes de mais, um leitor, que tem de encontrar o equilíbrio entre e reprodução e a recriação do texto original, pois há, sem dúvida, uma recriação deste no momento da tradução. E esse ato de recriar tem de ter em conta todo um contexto e as questões estético-literárias do texto de partida.

Os sentimentos são universais. O que pode ser único e irrepetível é a linguagem poética em que eles se enformam, essa busca minuciosa da palavra certa, da imagem adequada a colocar no lugar que lhe compete, por forma a gerar beleza, que é, afinal, o próprio objeto da arte. Por isso, as questões de sentido não serão as mais complicadas para o tradutor. A maior dificuldade, creio, estará na questão dos ritmos, das sonâncias, da prosódia, das rimas, da musicalidade, que são, necessariamente distintas na língua de chegada e na de partida.

Perde-se, inevitavelmente, virtualidades do texto no ato de tradução. Ao mesmo tempo, não há dúvida de que o tradutor é um recriador e tem a enorme responsabilidade de ser um intermediário entre o texto original e o público leitor. Em conversa com o Miguel Lopes, meu caro colega e amigo, tradutor desta obra para o francês, ele disse o seguinte, e roubo-lhe as palavras: “Quando se traduz não se faz igual, porque esse igual não existe. É um pouco a ideia da (...) da sinfonia que nunca é tocada duas vezes da mesma maneira, mesmo que o objetivo seja esse.” (fim de citação) E acredito que deve ser uma enorme satisfação para um tradutor poder levar uma obra a inúmeros leitores de uma outra língua. E não basta encontrar o sinónimo adequado. Há que fazer as escolhas certas, de entre um enorme leque de possibilidades, para que se transmita a pluralidade de sentidos do texto. Sendo assim, o tradutor é, necessariamente, também ele, um autor, não esquecendo que cada poema é único, logo, uma má tradução poderá comprometê-lo. O tradutor deverá manter intacta, o mais possível, a identidade estética do texto, mas a verdade é que mudar de língua é mudar todo ou quase todo um universo de referências.

## Roteiro 39º colóquio da lusofonia

O meu objetivo, aqui, não é, obviamente, abordar a questão da tradução, que não é área minha. O Miguel Lopes poderá fazer isso com muito mais propriedade do que eu. Mas quis aqui deixar estes tópicos, numa tentativa, também, de valorizar o trabalho dos tradutores, frisando que traduzir poesia é um ato arrojado e de uma enorme responsabilidade e que o tradutor é, de facto, um criador. (Temos sempre presente o exemplo da tradução de *As Minas de Salomão*, pelo Eça de Queirós, que muitos defendem que ultrapassou significativamente o texto original).

Vida e morte, amor e solidão, sonho e desalento, abandono e criação constituem o universo deste livro de nove poemas, pela mão de nove poetas, traduzidos em oito línguas, a demonstrar, simbolicamente, que somos todos feitos de uma mesma humanidade. Parabéns à Helena Chrystello e a todos os que deixam marca sua nesta edição.

### 10. MIGUEL LOPES, TRADUTOR, PROFESSOR ESC SEC ANTERO DE QENTAL. S MIGUEL

#### PARTICIPA NA HOMENAGEM A HELENA CHRYSTELLO, APRESENTA 9 POETAS 9 LÍNGUAS - Sobre a Tradução

1. Em primeiro lugar, cabe-me agradecer à Helena e ao Chrys Chrystello a oportunidade que me deram de ter feito parte deste projeto. Estou muito grato pela confiança que depositaram em mim.

Encarei esta minha participação como um privilégio, desde logo, por ter tido acesso aos poemas dos escritores (por questões de economia de tempo e de espaço, inibio-me de recorrer nesta comunicação à novíngua inclusiva) que fazem parte da coletânea. Nunca será demais enunciar os seus nomes em voz alta: Álamo Oliveira, Alexandre Borges, Aníbal Pires, Chrys Chrystello, Eduíno de Jesus, Malvina Sousa, Nuno Costa Santos, Paula de Sousa Lima e Telmo Nunes. Acredito que estes autores não têm o reconhecimento público que deviam, pois têm feito muito pela nossa cultura e ver-me no meio deles é um motivo de grande orgulho.

2. Em segundo lugar, queria dar os parabéns a todos aqueles que contribuíram para a execução deste livro e, em particular, uma vez mais, à Helena e ao Chrys pela iniciativa e pela devoção incansável a esta causa que constitui a divulgação da literatura açoriana. Queria também enaltecer o papel que têm tido as Letras Lavadas como parceiro indispensável em todo este processo.

Num tempo de globalização homogeneizante, faz falta publicar autores açorianos ou inspirados pelos Açores e, assim, permitir a uma cultura periférica existir num mercado livreiro dominado por produtos prontos a consumir (por vezes, de origem duvidosa).

Também faz falta publicar mais traduções e queria realçar o mérito e a originalidade desta edição multilíngue, que torna estes textos acessíveis a um espetro alargado de leitores, despertando curiosidade e dando a conhecer os autores a leitores de outros países. É, consequentemente, um gesto humanista pelo quanto contribui para a aproximação das culturas e dos povos. A esse respeito, deixem-me citar Umberto Eco que, na obra laudatória intitulada "Dizer quase a mesma coisa", classificava a Tradução como a língua da Europa.

Além disso, este livro "9 poemas 9 línguas" afigura-se como uma verdadeira ferramenta didática pelo quanto possibilita o cotejo imediato entre 9 línguas diferentes. De uma forma muito pragmática, estes poemas podem fazer parte de um corpus e constituir um objeto de estudo em aulas de língua estrangeira e/ou em aulas de Tradução.

Por outro lado, como é sabido, o conhecimento de outras línguas contribui para um melhor conhecimento da nossa própria língua e, por conseguinte, da nossa própria cultura, ou seja, o conhecimento de outras línguas contribui para um melhor autoconhecimento. É terapêutico. Perfilho aqui as teses de Barbara Cassin, autora do famoso Dicionário dos Intraduzíveis, que apregoa a capacidade salvífica da Tradução.

3. Gostaria agora de tecer algumas considerações sobre a função do tradutor e sobre o ato de traduzir. O tradutor começa por ser um leitor, encara a leitura como um momento de fruição e a tradução como uma grande responsabilidade, na medida em que pretende fazer chegar um texto que não lhe pertence a leitores de uma outra língua. Neste sentido, o tradutor é uma espécie de elo intercultural, faz a ponte entre duas línguas (recorrendo aqui à metáfora utilizada por João Barrento, que, em "O poço de Babel", explorava o sentido etimológico da palavra "traduzir": "tra-ducere", conduzir para a outra margem).

Mas, se, por um lado, o tradutor é um elo (neste sentido, une, liga, aproxima), a verdade é que a tradução, como texto de chegada, também se afasta, de alguma forma, do texto de partida. Traduzir não equivale a copiar um texto noutra língua. Quando se traduz não se trata de fazer igual. Isto é, o tradutor reinterpreta o texto.

Posso usar aqui duas imagens para ilustrar melhor esta ideia tiradas de outros campos da atividade humana. Pensem na mesma receita preparada pelo mesmo chefe que nunca resulta duas vezes exatamente da mesma maneira. Ou na mesma sinfonia que nunca é tocada duas vezes pela mesma orquestra exatamente da mesma maneira.

Talvez um dia, quando os robôs se encarregarem disso. E, neste caso, o desempenho e as obras perderão a sua originalidade, a sua capacidade para espantar, para se reinventarem.

Ora, uma tradução tem a sua dose de originalidade. O tradutor e o seu leitor devem estar cientes disso mesmo e aceitar que a tradução é um texto reescrito (ou será escrito "a quatro mãos"?). Não é uma segunda mão, é uma outra versão, com todos os riscos que comportam as versões.

O tradutor não imita, tenta recriar (o que etimologicamente significa "reanimar", dar novo fôlego). Mudar de língua é mudar de código, é mudar de mundividência.

Mas o tradutor nunca abandona o autor, nunca perde de vista o texto de partida.

Mais do que isso, o tradutor é cúmplice do autor. Cúmplice na transgressão, pois o poeta é um criador que inova e deturpa o sentido das palavras com propostas, por vezes, arrojadas e, até mesmo, disruptivas.

Apresentando, agora, alguns exemplos daquilo que foi o meu trabalho neste livro, começo por lembrar o poema insondável de Alexandre Borges ("Um homem imperfeito junto ao mar"). É transgressivo no uso da anáfora "hás de encontrá-lo", complexo verbal, e "ás de encontrar", locução nominal. Por muito solidário que eu tenha tentado ser, este foi um tropo que não consegui replicar totalmente. Mantive a anáfora, no entanto perdeu-se o atrevimento da escolha lexical que participa, simultaneamente, da construção de um campo em torno do jogo de cartas, "ás, naipe, trunfo, renúncia". Por sua vez, o termo "renúncia" também é usado duas vezes no poema com sentidos diferentes: com o sentido de "abdicação", a primeira vez e de "violação das regras", a segunda. Na língua francesa, são duas palavras distintas: "renoncement" e "renonce", respetivamente. Portanto, é justo reconhecer que, com a tradução, se dá, por vezes, um certo empobrecimento do texto de partida.

De facto, a criatividade dos autores converte-se, proporcionalmente, em dificuldades para o tradutor. Manter a rima no poema de Malvina Sousa foi um desafio (Um exemplo: Agarra os silêncios e sê o grito/sê pequeno... sempre aspirante a mito = Saisis les silences et sois le cri/sois petit... aspire sans cesse à l'utopie), *idem* no que tocou a replicar o estilo da prosa poética de Paula Sousa Lima (veja-se a sequência: "E dizem ainda as gentes... em lagoas se tornaram").

Portanto, mais do que obter, no texto de chegada, uma equivalência perfeita palavra a palavra, o objetivo é reproduzir os efeitos do texto de partida de modo a não defraudar, a não trair o espírito do texto (desmentindo, assim, o aforismo italiano em forma de paronomásia, segundo o qual o "traduttore" é um "traditore"), e indo assim ao encontro do que Walter Benjamin, preconiza na sua obra "A tarefa do Tradutor". Nesta linha de pensamento, era pois fundamental encontrar as soluções adequadas de modo a preservar, no poema de Nuno Costa Santos, por exemplo, a personificação do "mar", "orgulhoso e mudo", "fière et muette", que "vai envelhecendo" (qui vieillit peu à peu) ou a prosopopeia com que Eduíno de Jesus descreve as "palavras" "imprecisas" e "volúveis" (escavam os abismos, abrem as asas e desferem o voo = ils creusent les abîmes, ouvrent les ailes et déploient le vol). Ou ainda a homenagem pungente ao povo ucraniano no tom acusatório de Álamo Oliveira: "amanhã vai haver outro povo que não fala/ e tudo será apagado sem mais remorso = demain un autre peuple se taira/et tout sera effacé sans plus de remords".

No conjunto dos 9 poemas, caracterizados por uma grande diversidade de temas e de estilos, era importante ser solidário com as propostas lexicais mais imaginativas dos autores desde os "nados náufragos" = "naufragés-nés" e das "manhãs paridas" = "matins vêlés" do Telmo Nunes até à "espuma dos homens-a-dias" = "l'écume des hommes de ménage" do Alexandre Borges (eventual aparte sobre os papéis de género), passando pelo "teu jeito tão desigual, tão nosso" = "tes manières si inégales, si nôtres" de Aníbal Pires.

Para alguns teóricos, uma boa tradução é invisível, ou seja, deve garantir que o texto de chegada não pareça uma tradução e não cause estranheza. Ora, como Antoine Berman (em "L'épreuve de l'étranger"), sou apologista de uma tradução ética, promotora de uma relação dialógica entre línguas e culturas, que não neutraliza os elementos mais marcados do texto de partida para aumentar artificialmente a sua legibilidade. Talvez o poema "Maria nobody" de Chrys Chrystello, poema da rima discreta, poema dos monossílabos e dos dissílabos, poema dos anglicismos, seja o poema que melhor evidencia esse desiderato.

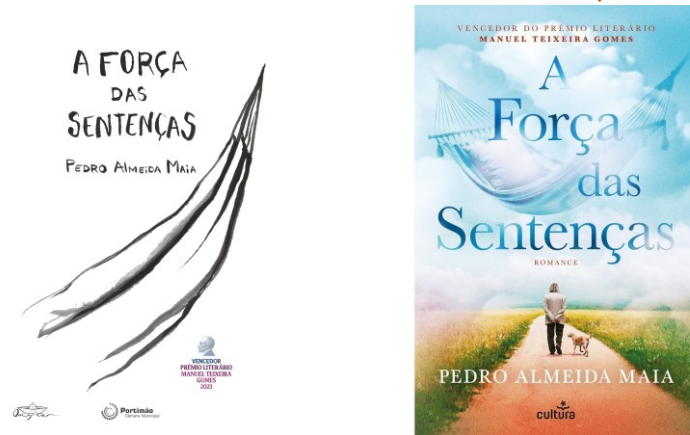
Diria que o ato de traduzir é um trabalho sempre inacabado, que fica, muitas vezes, na sombra e que, por isso, carece de ser explicado, ideia sustentada noutros termos por Lawrence Venuti, no livro "The translator's invisibility".

Só assim se consegue promover a transparência e uma maior aceitação da tradução. E atenuar no tradutor o sentimento de insatisfação ou, até mesmo de alguma frustração gerada pela convicção de uma incompletude natural do ato de traduzir. Foi o que tentei fazer hoje, obrigado por me terem ouvido.

Ribeira Grande, 7 de outubro de 2023, Miguel Lopes



11. PEDRO ALMEIDA MAIA, ESCRITOR, S MIGUEL, AÇORES, AICL, AUTOR HOMENAGEADO EM 2024



12. PEDRO PAULO CÂMARA, DOUTORANDO NA UNIVERSIDADE DOS AÇORES, PROFESSOR ESC ARRIFES, S MIGUEL, ESCRITOR, AICL

APRESENTA [Violante de Cysneiros: obra reunida](#)



É já tempo de compilar a obra dispersa de Violante de Cysneiros, figura criada e alimentada por Armando Côrtes-Rodrigues, após sugestão do companheiro de escrita, Fernando Pessoa, para que continuasse a ser possível, mesmo que camuflada, a sua participação na revista Orpheu, após o polémico número de estreia. Da presente compilação fazem parte os nove textos poéticos assinados por [Um anónimo ou anónima que diz chamar-se] Violante de Cysneiros, presentes no segundo número da revista Orpheu, em 1915, a respeito dos quais os diretores, Pessoa e Sá Carneiro, afirmam: "Apareceram-nos na Redacção estes belos poemas, que um engenho doente realizou. Publicamo-los, porque disso são dignos, importando-nos pouco a personalidade vital de que possam emanar. Toda a obra de arte é a justificação de si-própria."; os onze textos atribuídos a Violante de Cysneiros, presentes em Cantares da Noite, seguidos dos poemas de Orfeu, de Armando Côrtes-Rodrigues, de 1942, bem como um ex-inédito, apontado por Anabela Almeida; a carta enviada a Fernando Pessoa, assinada Violante de Cysneiro, datada de 5 de junho de 1915; e os textos dispersos por jornais insulares. São estes: dezoito textos, inseridos na rubrica Azulejos, no jornal vilafranquense O Autônomico, em 1916; dois textos ("O Passado - Integralismo artístico", datado de 2 de setembro, e "Natal", datado de 15 de dezembro), no jornal vilafranquense O Autônomico, em 1916; um texto epistolar, inserido na rubrica Cartas de Mulheres (III), no jornal angrense Folha d'Angra, em 1922; e cinco textos, dispersos pela rubrica Comentários e Ruy Belo, no jornal pontadelgadense, A Actualidade, em 1923. A listagem elencada diz respeito aos textos assinados por Violante identificados até à data. Tal não quererá significar que a busca, e por consequência a descoberta, esteja concluída. Nas centenas de números dos jornais regionais publicados no início do século XX, deixamos em aberto a possibilidade de que possa surgir um novo texto, sob o olhar de outra investigação.

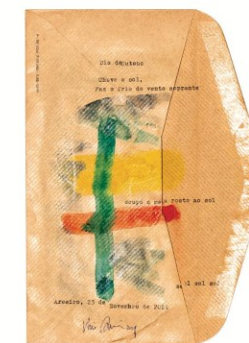
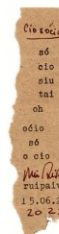
13. RUI PAIVA, ARTISTA PLÁSTICO [HTTPS://RUIPAIVA.COM/](https://RUIPAIVA.COM/)

LANÇAMENTO  
DO LIVRO

*A CARTA E O SILÊNCIO*  
Rui Paiva

23 DE MARÇO, 15H  
SALA BEIJING  
MUSEU DO ORIENTE

AVENIDA DE BRASÍLIA  
DOCA DE ALCANTARA (NORTE)  
1350-352 LISBOA



WWW.RUIPAIVA.COM  
INSTAGRAM RUIPAI138  
FACEBOOK RUIPAIVA.FINEARTS  
R.S.P.F. RUIPAIVA138@GMAIL.COM

APRESENTA O SEU NOVO LIVRO "A CARTA E O SILÊNCIO" COM VASCO MEDEIROS ROSA

ilustrou **"A Voz da Ilha"** de **Anabela Freitas (Mimoso)** QUE TELMO NUNES APRESENTARÁ



14. SÉRGIO PROSDÓCIMO, DIRETOR GRUPO GIRA TEATRO FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL, AICL



TEXTO: "IMPREVISIBILIDADE"

Eu vim do planeta flor.

Não, lá também tem espinhos.

De onde eu venho, quase, mas quase, por pouco, por muito pouco, por muito pouquinho mesmo não perdemos o nosso brilho, a nossa ginga, o nosso jeito, a nossa cor.

Não somos do tempo em que se viajava pelo mundo, nem mesmo viagens *on-line*, mas hoje temos família com viajores... e, através de fotos, dessas redes que nos conectam num piscar de olhos.

Ah! No meio de tudo isso, descobri... descobri a imagem do «espalhador de alegrias». Por um *post*, por um *post*. Acreditem ou não, por um *post*. Através de uma foto e de um outro olhar, claro! Um olhar diferente, o olhar pela lente do meu anseio.

Chorar. Esquivar-se. Sombrio. Viver sombrio. Viver... Viver sem vida. Era isso? É assim? Viver é assim? O dia é assim . . . Prefiro a noite.

Ah! Então, vi fotos. Vi *posts*, fotos e mais fotos. Olhei por outro ângulo. A noite é assim . . . Prefiro o dia.

Olhei por outro olhar e me debati dizendo: o mundo está cheio de tristeza abaixo de mim, acima de mim, ao lado esquerdo, ao lado direito e por todo o meu redor. Mas eu... eu não quero ser conivente com a tristeza. Eu quero é saber viver a tristeza. Eu quero saber viver o momento triste. Eu optei por uma versão mais leve, por uma versão mais livre de mim no enfrentamento da vida.

A minha, a tua, a nossa pedra no sapato, sim, ela é um fato. É um expurgo ou não. É uma espécie de coração surpreendentemente humano.

Nessa minha versão mais livre, eu vou passar por todas as coisas com a qualidade da escolha, olhando de frente para a Imprevisibilidade e vivendo com a consciência e o entendimento da ambiguidade e da perplexidade. Sim, porque do planeta flor para este daqui a distância é só um intervalo.

Vamos mais além!


Texto criado para o 39º Colóquio da Lusofonia, de 03 a 06 de outubro de 2024, em Vila do Porto, ilha Santa Maria / Açores / Portugal.

**Autoria e direção artística:**  
Sandra Maria Canarin Prosdócimo.

**Atuação:**  
Sérgio Da Silva Prosdócimo.

**Colaboradores:**  
Brenda Canarin Prosdócimo,  
Cristina Dreyer Machado,  
Fábio Coura,  
Júlia Polla Weber,  
Maria Luiza Rosa Barbosa,  
Marize Silva Prosdócimo,  
Sara Canarin Prosdócimo.

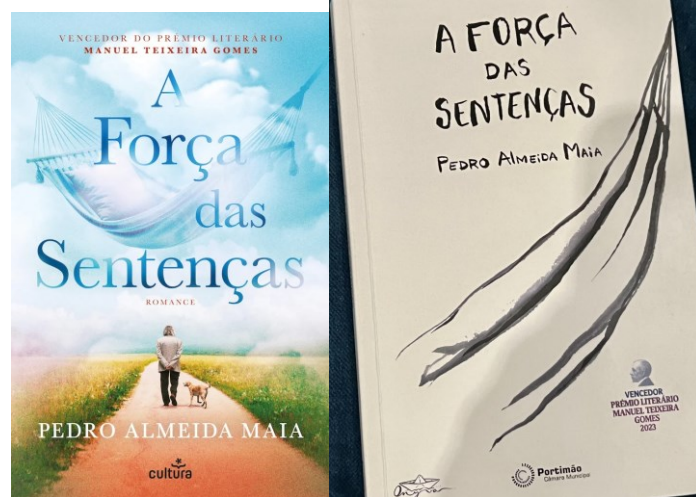
Floriipa/Desterro/junho de 2024.

 **GIRA - Teatro Multissensorial - Brasil**  
Há 31 anos auxiliando no desabrochar da humanidade.

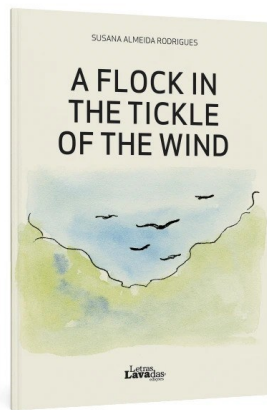


15. SUSANA L. M. ANTUNES, UNIVERSIDADE DE WISCONSIN-MILWAUKEE, AICL.

APRESENTA O SILÊNCIO DA MEMÓRIA EM A FORÇA DAS SENTENÇAS DE PEDRO ALMEIDA MAIA



16. SUSANA A RODRIGUES, PROFESSORA ESCOLA DOS ARRIFES, ESCRITORA APRESENTA A FLOCK IN THE TICKLE OF THE WIND, POR PEDRO PAULO CÂMARA (TRAD DE UM BANDO NAS CÓEGAS DO VENTO, DE CHRYS CHRYSTELLO)



17. TELMO R NUNES, PROFESSOR EBI MAIA, ESCRITOR

APRESENTA "A Voz da Ilha" DE ANABELA FREITAS (MIMOSO) (com ilustrações de Rui Paiva):

**Excitante, Artista Plástico, Poeta, BRP**  
**PAIVA** nasceu em Moçambique em 1946, tendo exercido um primeiro curso de Engenharia, O Francês (1968) e o Inglês (1970) de artes e letras nas Faculdades de Ciências da Universidade de Lisboa, em 1970. Aos 20 anos, termina o curso de Engenharia em Lisboa, em 1970, onde se dedica ao ensino para o Oitavo, Tercio, passando por Macau e Hong Kong, 23 anos na sua carreira, até que foi responsável pelas Secções de Economia, e quando regressa da área internacional (USA, ICM e Grupo Catalá), Deslocando - como artista - em 1980 por um convite da Universidade de Macau, participa depois a nível nacional e internacional, em diversas exposições, participando em feiras de exposições individuais, com destaque para Hong Kong, Macau, Ho Chi Minh nos Vietnamas, Alemanha, Áustria, Bélgica, Canadá, Lisboa, e em Assembleias de colectivos, em Singapura, Japão, Costa do Sul, Macau, Hong Kong e em Portugal. Criador por 10 anos de uma das maiores colecções de arte portuguesa. Para além da arte para si mesmo, edita quatro livros, o primeiro em Macau e os restantes em Portugal.

**Distinções 1979-1982**  
 - **Novos Horizontes Livro de Vida e Livro de Artista**  
 - **Festividade Distinção de Lançamento**  
 - **FIC de Cascais, Feiras de Penafiel, Palco de Óbidos, The Script Road - Macau Literary Festival, Museu Nacional Soares dos Reis.**  
 - **Povo, Livro de Artista.**  
 - **Festa do Livro da Fundação e Museu Nacional Soares dos Reis.**  
 - **A Carta e o Círculo**  
 - **Museu do Oriente.**

Nasceram no Canadá, mas filhas de portuguesas, as duas irmãs viajam até à ilha, pela primeira vez. Esta é uma viagem de descoberta das suas origens, do encontro com a sua identidade. A voz da ilha ficará gravada nos seus corações e a vida delas nunca mais será a mesma.

**A Voz da Ilha**  
 Anabela B. Freitas

**Ilustrações**  
 Rui Paiva

**ANABELA B. FREITAS** nasceu em Lisboa, mas viveu grande parte da sua vida na França, onde frequentou a Lycée Caroline Michellet, depois a Faculdade de Letras, tendo-se licenciado em História. Foi na mesma Faculdade que fez o Mestrado em História de Cultura e depois o Doutoramento em Cultura.

Atualmente reside em Vila Nova de Gaia. Começou a publicar livros aos dezasseis anos. Tem uma vasta obra publicada com o nome de ANABELA B. FREITAS que vai desde os manuais escolares, ao conto e narrativa infanto juvenil, e aos estudos académicos, essencialmente na área da Literatura.

**Distinções:**

1. na Região Infância Juvenil - Di. Bruna Gordalho, distinguido pela Revista *Ílhos* (Lisboa), em 1996, "O Arremador", in *Contos da Cidade das Portas*, Porto, 2001, O *Francisco de Castro de Rio*, menção honrosa do Prémio Nacional de Literatura, 2006, *Acorda, Dilema Rio*, 2010 - 2012, *Como um pé de vento*, 2006 (em co-autoria com Glória Nogueira, João Pedro Mamede e Inês Martinho - prêmios Estudante do Centro de Xunta de Galicia e Dirección Regional de Cultura do Noroeste), *Paz e Cia - Entre Cila e Rio*, 2007 (Prémio Pórtico e Verde com a Lettera da Dirección Regional de Cultura do Noroeste).
2. na Região para adultos - *A Vida pelo marado* (2007), quando não nasceu em 2007, *A Súplica do amor* (2013), *Viver sempre com o vento* (2018), *Prémio Fábula Espéculo*, 2017.
3. nos estudos literários - *Contos Tradicionais de Povo* (Agência 2010) PSL, *O Congresso Pedagógico do Ensino Secundário Oficial* (2017-2012), em co-autoria com Paulo Casares, no âmbito do projecto de investigação "Processos do associativismo e mobilização docente em Portugal, 1960-1980", financiado pela FCT, *Relatório de Investimento* (Editor de Resumos), 2014.

18. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, CIERL-UMA, CEHU-UAC, PICO. AICL, AUTOR HOMENAGEADO PELA AICL EM 2015 E 2017

APRESENTA [SANTO AMARO SOBRE O MAR](#), 3ª ED DA COMPANHIA DAS ILHAS



APRESENTA HOMENAGEM A HELENA CHRYSTELLO: ensinar e divulgar literatura

Durante a sua atividade como docente, Helena Chrystello dedicou-se à divulgação de escritores e da sua escrita, particularmente no domínio da literatura açoriana. Se isso foi notório no espaço escolar e na intervenção nos Colóquios da Lusofonia, há ainda um modo particular dessa divulgação: o da organização e edição de antologias que, sob ângulos e critérios diversos, contribuíram para um maior conhecimento dos autores e autoras e daquilo que escrevem, ao mesmo tempo que proporcionam uma visão mais alargado do contexto em que se integram.

19. VASCO MEDEIROS ROSA, ESCRITOR

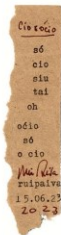
APRESENTA O NOVO LIVRO DE RUI BARATA PAIVA "A CARTA E O SILÊNCIO"

LANÇAMENTO  
DO LIVRO

*A CARTA E O SILÊNCIO*  
Rui Paiva

23 DE MARÇO, 15H  
SALA BEIJING  
MUSEU DO ORIENTE

AVENIDA DE BRASÍLIA  
DOCA DE ALCANTARA (NORTE)  
1350-352 LISBOA



WWW.RUIPAIVA.COM  
INSTAGRAM RUIPAIVAS  
FACEBOOK RUIPAIVA.FINEARTS  
R.S.F.F. RUIPAIVA238@GMAIL.COM

APRESENTA Centenários, momentos privilegiados de revisitação: os casos de João Afonso e de Pedro da Silveira

A partir da sua experiência de investigador e de *editor* nos casos em epígrafe, Vasco Medeiros Rosa traça um roteiro para comemorações centenárias futuras em contexto açórico-insular-ultraperiférico, tentando justificar que tais campanhas não podem ser postas em marcha com pouca antecedência e que beneficiam do envolvimento persistente do jornalismo para criar e potenciar o conhecimento intergeracional de figuras culturais quase esquecidas. A condição de Afonso como funcionário público em evidência numa das duas cidades-polo dos Açores e o estatuto de Silveira como quase-exilado no Continente são, também eles, elementos diferenciadores, capazes de introduzir um debate sobre a inclusão arquipelágica e a verdadeira autonomia das Ilhas.

[REGRESSAR](#)